

A luta dos Sovietes e o vislumbrar da Anarquia: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922)

Leandro Ribeiro Gomes*

Numa pesquisa que objetiva analisar, como objeto central de estudo, quais foram as repercussões da Revolução Russa nas folhas operárias dos anarquistas do Brasil, o fator do “político”, em todas as suas interações com a cultura e a sociedade, fica explícito. Neste caso, isso ocorre porque esta fonte se torna muito fértil para investigar a relação dinâmica entre as idéias e propostas daquela revolução que chegaram até aqui com o pensamento político ácrata já existente nesta imprensa, assim como as peculiaridades e condições da luta do movimento operário daquele instante nestas terras tropicais.

O elemento político fica evidente nestas fontes por se tratar de uma imprensa militante envolvida com organizações operárias, como sindicatos, ligas e comitês, e que lutavam contra o patronato e os governos da Primeira República brasileira por melhores condições de vida e de trabalho para os operários e o povo em geral.

Entretanto, as propostas e exemplos revolucionários vindos da Rússia naquele período, sejam por parte das teses e caminhos mostrados por Lênin e pelos bolcheviques, ou pelas grandes desapropriações e socializações em massa realizadas popularmente pelos soviets, foi uma novidade contundente que atingiu e abalou à reflexão e a consciência dos anarquistas brasileiros, gerando identificações e reprovações, simpatizantes e adversários, o encantamento e a decepção.

Esta ambiguidade na recepção dos anarquistas no Brasil em relação à Revolução Russa se deu devido às peculiaridades do pensamento libertário, que contrário a “ditadura do proletariado” pregada pelo marxismo, mas a favor da autogestão social organizada pelo povo, deu grande relevo a estas notícias.

Assim, as reações que os anarquistas no Brasil tiveram fazem parte das “repercussões” da Revolução Russa: são as “representações” que construíram sobre o evento, as visões que se teve dele. Representações, que por sua vez, fundamentaram e inspiraram novas “práticas” políticas e sociais – e militantes – a partir de então. Novas “práticas” estas, que influenciadas pelas notícias da Rússia, é o que vai “distinguir”, ou não, um militante, um jornal operário, um sindicato ou ainda a “prática” ou postura editorial de um

periódico anarquista dos demais. E, dessa maneira, podemos identificar alguns conflitos no interior do próprio movimento operário anarquista brasileiro da época, e observar o quanto à “história por meio dos jornais”, sobre a Rússia revolucionária, influenciou a história política deste movimento operário.

Já são bem conhecidas dentro da historiografia recente as mudanças que se operaram na prática de sua escrita com o contato que ela teve com outras ciências sociais ao longo do século XX, e o quanto que este processo influenciou uma Nova História Cultural que, também, “renovou” a tradicional história política com o estudo das “práticas” e “representações” sociais – o que acabou redirecionando o olhar dos historiadores ao uso dos periódicos como fonte.¹ Dentro desta história cultural temos a perspectiva que o político também participa da difusão da cultura, já que os meios de comunicação (como os jornais) também podem se tornar objetos e veículos da política:

(...) Mas a história política – e esta não é a menor das contribuições que ela extraiu da convivência com outras disciplinas – aprendeu que, se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social. (...).²

Dessa forma, referindo-se ao que foi considerado um dos maiores eventos internacionais do século XX – a Revolução Russa – que teve em seu conteúdo motivações de caráter abertamente internacionalistas, com apelos e propostas socialistas de amplitudes mundiais a todos os movimentos operários do mundo, o interesse deste evento por parte dos anarquistas brasileiros que militavam no movimento operário, e que, portanto, como anarquistas também se reconheciam como “socialistas”, em sua corrente libertária, é um assunto que já possui o seu peculiar interesse. Faz parte, de certa forma, dos impactos da Revolução de Outubro ao redor do mundo, pois, como afirma Hobsbawm, esta revolução possuiu duas histórias que são entrelaçadas: seu impacto sobre a Rússia e seu impacto sobre o mundo, e esta segunda parte ainda oferece muitas possibilidades de investigação.³

O período desta pesquisa limita-se do início do processo revolucionário russo (com a abdicação do czar Nicolau II em março de 1917) e se estende até dezembro de 1922 (com a fundação oficial da URSS, mesmo ano também da fundação do PCB, em sua maioria

por antigos militantes do anarquismo que se converteram ao comunismo).

Portanto, ao longo deste percurso observamos grandes mudanças no pensamento dos libertários brasileiros a respeito da Revolução Russa, assim como uma multiplicidade e heterogeneidade de interpretações e posições que enriquece e ultrapassa as tradicionais explicações historiográficas sobre o impacto que a revolução socialista na Rússia teve no movimento operário do Brasil. As dificuldades de acesso às informações sobre a Rússia naquela época, à distância, e as especificidades da sociedade brasileira, são fatores que também influenciaram muito as notícias sobre este evento, publicadas nos jornais libertários.

Ecos de Outubro: a luta dos Soviets e os anarquistas do Brasil

Os últimos reveses dos exercitos bolchevistas, dos paladinos da Justiça, são coisas insignificantes que em nada modificarão a atitude dos pioneiros, e que de modo algum farão esmorecer a fé dos operarios, milenarmente escravizados, nem a tenaz e impiedosa campanha de difamação, nem a força conluiada dos exercitos capitalistas conseguirão extinguir a labareda purificadora do idealismo moscovita.

Operarios! Povo trabalhador! Servos da gleba! – Aprendeis a venerar os vossos irmãos russos, que são os grandes redentores da humanidade que sofre e que tem fome! Eles são as unicas almas verdadeiramente grandes e audazes que ainda foi dado ao mundo rotineiro e egoista procriar! Aprendeis com eles o espirito de sacrificio e o entusiasmo santo dos heroes!⁴

Neste artigo sobre o bolchevismo, que faz parte do abundante conjunto de fontes que foi reunido nesta pesquisa, temos um exemplo significativo do entusiasmo e da excitação que os acontecimentos na distante Rússia causaram nas reflexões e interpretações da realidade dos ativistas libertários aqui do Brasil. Não obtivemos informações de quem era Fernando Rosalba, muitos militantes envolvidos nestes jornais usavam pseudônimos e este não faz parte do “grupo dos anarquistas famosos” que são amplamente citados na historiografia do início do movimento operário brasileiro. E optamos em transcrever as fontes com a grafia da época.

Quanto ao jornal, “Spártacus” é uma das folhas mais significativas dentre as doze escolhidas nesta pesquisa. Tablóide de quatro páginas, o formato típico e mais comum da imprensa operária deste período, este jornal mescla a propaganda e a divulgação da cultura anarquista com textos políticos direcionados a vários setores

profissionais e organizações de trabalhadores, como também a divulgação da situação do movimento operário no Brasil e no mundo. “Spártacus” foi um jornal fundado como “porta-voz” do núcleo carioca do Partido Comunista. Planejado para ser um diário, o jornal se constituiu como um semanário, surgindo em agosto de 1919 e, sofrendo perseguição policial, indo até janeiro de 1920. José Oiticica, militante anarquista famoso da época, amplamente citado pela bibliografia deste campo de pesquisa, chefiava o grupo editorial do periódico e Astrojildo Pereira, outro nome também bem conhecido, antigo anarquista que ajudou a fundar o PCB em 1922, era o administrador e chefe da redação.⁵

Fernando Rosalba se refere ao movimento revolucionário na Rússia, que naquele momento completava já três anos, como uma “labareda purificadora”, e o povo russo como os “grandes redentores da humanidade”, uma atitude de total apoio à revolução, pois ele faz parte do grupo de anarquistas no Rio de Janeiro que se simpatizou com a Revolução Russa. O jornal “Spártacus” foi fundado no mesmo ano em que ocorreram várias tentativas por parte dos libertários de fundarem partidos comunistas, o próprio periódico se apresentava como representante deste grupo no Rio de Janeiro, já que outras identificações semelhantes ocorreram em outros pontos do país. Contudo, estes partidos comunistas de 1919 possuíam um outro caráter, como explica o próprio Astrojildo Pereira, sobre as características distintas destes primeiros partidos, muito diferente do Partido Comunista do Brasil de 1922 (um partido político oficial de cunho marxista):

A idéia de partido, o nome comunista, os termos secretariado e comissariado do povo, tudo isto misturado e adaptado a concepções tipicamente libertárias, denunciam a profunda ressonância que a revolução russa alcançou no movimento operário do Brasil. Astrojildo Pereira também salienta: “Tratava-se, na realidade, de uma organização tipicamente anarquista, e a sua denominação de ‘Partido Comunista’ era um puro reflexo, nos meios operários brasileiros, da poderosa influência exercida pela Revolução proletária triunfante na Rússia, que se sabia dirigida pelos comunistas daquele país. O que não se sabia ao certo é que os comunistas que se achavam à frente da revolução russa eram marxistas e não anarquistas”. (...).⁶

Na época em que aconteceu a Revolução Russa o Brasil estava passando por uma fase de mudanças econômicas, políticas e sociais de longo prazo – que vinha desde o final do século XIX, com a abolição da escravidão e a proclamação da República, em 1888/89.

Quando se estuda a formação da classe e do movimento operário no Brasil esta conjuntura é explicada para entender a história da organização dos trabalhadores. Foi uma época também em que se iniciou uma primeira industrialização e outra etapa da urbanização do país, com anos de fluxo imigratório europeu. A questão da imigração, como elemento determinante ou de principal influência na formação das organizações operárias e de suas doutrinas, pois boa parte destes imigrantes eram trabalhadores que vinham de países que possuíam no período movimentos anarquistas fortes – como a Itália e Espanha – sempre foi discutida desde o início deste campo de pesquisa, foi a chamada questão da “planta exótica”.⁷

Mas para entender melhor o anarquismo no Brasil estudos mais recentes criticam a idéia da “planta exótica”. A influência da imigração foi importante, mas ela não basta, segundo Cláudio Batalha, para explicar a predominância do anarquismo e do anarco-sindicalismo no movimento operário do Brasil nestes anos iniciais de 1890 a 1920. Para Batalha, havia outros fatores no Brasil da Primeira República que levou o anarquismo a suplantarem o socialismo da II Internacional na preferência dos militantes operários, como a distância que havia das propostas de mudanças por meio do processo eleitoral da realidade dos trabalhadores, que tinham uma participação eleitoral muito limitada numa sociedade ainda fortemente marcada pela escravidão.⁸

Estas explicações ajudam a entender a força e a importância que o anarquismo teve nas experiências das lutas do movimento operário daquele período, entretanto, outros estudos apontam para a dificuldade de precisar o grau de penetração desta doutrina entre os trabalhadores. É claro que houve identificações destes com aspectos das idéias anarquistas, mas os libertários não eram maioria entre os trabalhadores, embora fossem bem visíveis e tenha influenciado muito os operários organizados, pois também havia outras correntes e o sindicalismo, apesar de suas íntimas relações com o anarquismo, foi muito difundido entre os operários.⁹

Como foi demonstrado na declaração de Astrojildo Pereira no livro citado de Moniz Bandeira, aliás, livro este que foi um dos primeiros títulos sobre o assunto no Brasil, os anarquistas aqui, no início, desconheciam que os revolucionários à frente da Revolução Russa eram marxistas, e a visão entre os libertários de que esta revolução foi de caráter anarquista de fato ocorreu, ainda que esta representação da revolução não tenha sido tão simples como as explicações tradicionais.

É importante salientar que a 1ª Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em 1864, teve em sua criação a colaboração de marxistas e anarquistas, entre outras tendências. Os conflitos entre a tendência autoritária e libertária do socialismo dentro desta Internacional, como ficaram conhecidos às divergências entre marxistas e anarquistas, de certa forma ajudou a desenvolver o socialismo enquanto movimento organizado dos trabalhadores do mundo. Portanto, os anarquistas também sempre foram considerados interlocutores do movimento operário e socialista.¹⁰

Isso ajuda a entender as confusões dos anarquistas brasileiros, pois estes se reconheciam dentro de uma tendência que fazia parte da tradição libertária do comunismo, e que desde a época do anarquista russo Bakunin durante a I Internacional polemizavam com Marx quanto ao uso da centralização do Estado para construir uma sociedade livre e socialista.¹¹ Para os anarquistas, cujo pensamento caracteriza-se pela total rejeição ao dogma e a sistemas teóricos rígidos, e uma defesa do julgamento individual, a criação espontânea e em massa dos sovietes na Rússia, que eram conselhos populares que buscaram efetivar uma administração direta da sociedade pela própria sociedade, pareceram, aos olhos do distante anarquismo brasileiro, como a concretização da anarquia.¹² De qualquer forma, a percepção revolucionária dos libertários no Brasil, em parte, estava de acordo com a verdade, pois a ideia e as representações que eles tiveram do “regime dos sovietes” foi influenciada pela análise e testemunhos sobre a Rússia revolucionária em seus primeiros anos:

De certo modo, a história da URSS é, antes de mais nada, a de uma bolchevização da sociedade, e, depois, de uma bolchevização das instituições. Mas, na origem, em 1917-18, foram os comitês de fábrica e de aldeia, os sovietes de bairro que governaram a própria sociedade.

A tomada do poder em outubro deu-lhes legitimidade. Só mais tarde é que os sovietes perderam a realidade deste poder.

Nem por isso pode-se negar que as primeiras análises do “regime dos sovietes” continham uma parte de verdade. E, do mesmo modo, era autêntica a vontade afirmada pelos novos dirigentes no sentido de emancipar a mulher, de igualar o estatuto dos cidadãos, etc. A bolchevização dos sovietes, o autoritarismo institucional são fatos posteriores; manifestam seus efeitos somente um pouco mais tarde (...).¹³

A repressão do governo republicano aqui no Brasil, numa sociedade com fortes tradições autoritárias que negligenciava as questões e problemas sociais, contra o movimento operário

anarquista foi intensa e sistemática. As idéias libertárias de igualdade social incomodaram as classes dirigentes, e os governos e industriais se articularam na repressão deste movimento.¹⁴ Por isso, considerando que os anarquistas aqui no Brasil também se viam dentro da luta internacional pela causa operária, suas ações na produção de sua imprensa, ao divulgarem as notícias sobre a Revolução Russa, também acabava sendo condicionada pelas necessidades da luta operária aqui do Brasil, luta esta que possuía seus inimigos internos, opiniões contrárias a vencer e um ideal a comprovar e defender:

(...) Ao criarem esses jornais, os anarquistas no Brasil seguiam os passos habituais dos militantes de outros países, mas também visavam a criar uma experiência de informação alternativa em meio à grande imprensa e muitas vezes explicitamente em oposição a ela. Esses jornais não eram somente um veículo de propaganda, mas constituíam centros propulsores e coordenadores dos vários grupos no plano local, estadual e, às vezes, até nacional.¹⁵

Fazendo um exercício de diálogo com outro estudo semelhante ao nosso, como a tese de Andreas Doeswijk que fala da repercussão da Revolução Russa entre os anarquistas do Uruguai e da Argentina, é necessário ressaltar que aqui não há só a questão, então, da distância e da falta de informação dos libertários brasileiros em relação aos eventos russos. A especificidade histórica de cada sociedade, que conferem seus significados e possuem suas experiências particulares, afetam as notícias, que passam ser “filtradas pelo desejo e a distância”.¹⁶

Fontes: acesso as informações e interpretações distintas

Fomos dos primeiros a defender aqui o maximalismo russo contra a crítica extremista de varios camaradas. Como tivemos, então, ocasião de afirmar, defenderemos os maximalistas da Russia enquanto elles forem atacados pelas forças mercenarias do capitalismo, e não porque havíamos renunciado aos nossos principios. A nossa attitude equivale então a uma afirmação de solidariedade a uma facção revolucionaria inimiga da organização capitalista, porque entendemos que atacar a atuação maximalista seria coadjuvar os reaccionarios na sua obra de restauração do regimen imperialista derrubado pela revolução de 17. No entanto, não precisamos dizer que, como anarchistas, somos contrarios a qualquer forma de Estado, quer este seja imperialista, quer republicano ou socialista. (...).¹⁷

O jornal anarco-sindicalista de São Paulo “A Plebe” foi um dos periódicos libertários mais conhecidos do Brasil. Semanal, fundado em junho de 1917, ele percorre até o fim do período deste estudo, com exceção do ano de 1918, quando seu editor Edgard Leuenroth ficou preso devido a sua participação na greve geral paulista de 1917. Edgard Leuenroth também foi responsável, em 1919, junto com outro militante de nome de Hélio Negro, pela publicação de um pequeno livro intitulado: “O que é Maximismo ou Bolchevismo”. Na época aqui no Brasil os termos “maximismo” e “maximalismo” eram os nomes em que eram conhecidos os bolcheviques, pois os anarquistas acreditavam que estes eram adeptos do “programa máximo”, o máximo de mudanças.¹⁸

Podemos observar então que este jornal já era editado por anarquistas que se identificaram com a Revolução Russa desde o início. Também não obtemos informações de quem era D. Fagundes, mas podemos constatar no trecho de seu texto questionador sobre o socialismo que ele afirma uma posição peculiar, de defesa da revolução ao mesmo tempo em que condena o Estado mesmo sendo este socialista, reafirmando a tese anarquista que prega o fim do Estado. É de notar que ele toma o cuidado de destacar que ele faz parte daqueles que defenderam o maximalismo russo “contra a crítica extremista de vários camaradas”.

Apesar das identificações entre os anarquistas com a Revolução Russa divergências e uma multiplicidade de visões percorreram as páginas da imprensa ácrata sobre o assunto. Pouco menos de um ano antes do texto de D. Fagundes acima, em outro periódico anarquista de São Paulo, um importante artigo do conhecido anarquista Florentino de Carvalho defende os aspectos libertários da Revolução Russa, citando a “constituição” dos soviets, mas condena o Estado bolchevique citando Trotsky e a condução da revolução. Desaprova ainda alguns militantes anarquistas no Rio de Janeiro que se simpatizaram com o maximalismo e propagam a organização de um partido. Denuncia as perseguições na Rússia a anarquistas e outros socialistas:

Para dar uma idéia sobre a pseudo dictadura proletaria basta saber-se que os socialistas revolucionarios, os reformistas e todos os que não pertenciam à familia bolchevique foram escorraçados dos comitês e de todas as repartições publicas. Os anarchistas, como mais perigosos inimigos do Estado, foram escorraçados sob o fogos das metralhadoras.¹⁹

Florentino de Carvalho foi um dos primeiros anarquistas brasileiros a se manifestar contra o novo poder soviético. Em um momento em que toda a imprensa internacional fazia uma guerra contra a Revolução Russa, a posição dos anarquistas que denunciavam o autoritarismo bolchevique era muito incômoda dentro do movimento operário.²⁰

Quanto ao acesso às informações, os anarquistas aqui no Brasil se utilizavam de suas correspondências com o movimento operário de outros países, de onde também vinham exemplares de outros jornais operários estrangeiros. Sem dizer ainda que eles também liam e utilizavam as fontes da grande imprensa brasileira, que por sua vez recebia as notícias das agências internacionais de notícias, no contexto da Primeira Guerra Mundial, quando se iniciou uma hegemonia das agências norte-americanas.

Notas de Referência

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP), orientado pela Professor Doutor Sérgio Augusto Queiroz Norte e Silva. Bolsista FAPESP. Contato: lerigom@yahoo.com.br.

¹ O papel e a relevância da imprensa como fonte histórica e as mudanças de seu tratamento pela historiografia é apresentada no texto: LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKI, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

² Ver: RÉMOND, René. (Org.). *Por Uma História Política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996, p. 35-36.

³ HOBSBAWM, Eric J. "Podemos escrever a História da Revolução Russa?". In: _____. *Sobre História: ensaios*. Trad. Cid Knipel M. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 266.

⁴ Trecho de um artigo assinado pelo militante Fernando Rosalba: Spártacus, "Do bolchevismo", ano1, nº14, 01/11/1919, p. 03.

⁵ Sobre os dados a respeito do jornal Spártacus consultar: DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 92.

⁶ BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980, p. 152. Esta declaração de Astrojildo os autores afirmam extrair de seu livro *Formação do PCB*.

⁷ Boris Fausto salienta a importância e influência da imigração na ideologia e nos modelos de organização da classe operária, e a importância das

- concepções anarquistas para o surgimento de novas formas de luta na sociedade brasileira. Destaca também o quanto o pensamento reacionário no Brasil entendeu esse fenômeno como uma “planta exótica”, para rotular as correntes revolucionárias que surgiram na sociedade brasileira como sendo algo “estranho” à natureza do Brasil. Porém, o próprio autor afirma, que no caso do anarquismo brasileiro, “o papel da importação foi considerável”. Ver: FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977, p. 32; 62-63.
- ⁸ BATALHA, Cláudio H. M. “Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva”. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida N. (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 172.
- ⁹ Cf: TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As Esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Vol. I, p. 63-66.
- ¹⁰ Os conflitos do anarquismo com o marxismo na primeira Internacional, e o entendimento do anarquismo como também uma corrente do movimento socialista internacional é discutida em: COLE, G. D. H. *História del Pensamiento Socialista: marxismo y anarquismo (1850-1890)*. Traducción de Rubén Landa. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. Vol. 2, p. 116-118.
- ¹¹ Sobre este assunto especificamente ver: HOBBSAWM, Eric J. “O bolchevismo e os anarquistas”. In: _____. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Trad. João Carlos C. Garcia e Adelângela S. Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 67-79.
- ¹² A respeito das idéias anarquistas ver: WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas*. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002. Vol. 1: A ideia.
- ¹³ FERRO, Marc. *O Ocidente diante da Revolução Soviética: a história e seus mitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 61-62.
- ¹⁴ Há um livro interessante que fala da repressão política da Primeira República brasileira, e no caso especificamente das articulações de governos e empresários de São Paulo e Rio de Janeiro para construir uma ideologia anti-anarquista, ver: ALVES, Paulo. *A Verdade da Repressão: práticas penais e outras estratégias na ordem republicana (1890-1921)*. São Paulo. Editora Arte e Ciência/Unip, 1997, p, 10-11.
- ¹⁵ TOLEDO, op. cit. p. 60.

- ¹⁶ ANDREAS L, Doeswijk. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses (1917-1930)*. (Tese de Doutorado). Unicamp, Campinas, 1998, p. 46.
- ¹⁷ Trecho de um artigo assinado por D. Fagundes: A Plebe, "Socialismo?!", ano5, nº117, 14/05/1921, p. 02.
- ¹⁸ BANDEIRA, op. cit. p. 160. E sobre a vida de Edgard Leuenroth e o jornal A Plebe: KHOURY, Y. M. A. *Edgar Leuenroth: Uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas*. 320p. (Tese de Doutorado). USP, São Paulo, 1988.
- ¹⁹ A Obra, "O bolchevismo: sua repercussão no Brasil", ano1, nº13, 15/09/1920, p. 04.
- ²⁰ Ver: CUBERO, Jaime. "Reflexos da Revolução Russa no Brasil". In: *Libertárias: 80 anos de Revolução Russa*, nº 1. São Paulo: Imaginário, 1997, p. 33.

